

POVOS ORIGINÁRIOS EM CONTEXTO URBANO

Coordenador: DANIELE CARON

A proposta se situa no contexto político e social do país, cuja produção urbana encontra-se em uma disputa epistêmica e narrativa. Cidade-eurocêntrica, cidade-racista, cidade-normativa. Como outras cidades latinoamericanas, Porto Alegre vem sendo desenhada a partir de uma lógica capitalista e colonial, operando apagamentos dos povos originários. Suas vivências urbanas ainda sofrem processos de estigmatização, exclusão e racismo, ficando confinadas aos aldeamentos rurais concebidos pelo imaginário hegemônico. Como pensar a cidade-memória, cidade-ancestralidade, cidade-comum? A criação de espaços de convívio e troca de saberes na cidade e na universidade é um modo de reivindicar o reconhecimento dessas existências e sua implicação na paisagem e no imaginário urbano. Além de fortalecer e legitimar um processo pedagógico de assimilação das culturas originárias entre as diversas instâncias da universidade. O objetivo geral do projeto é fortalecer a presença indígena no contexto urbano, através de atividades que desnudem as práticas urbanas colonialistas, e que ampliem a instauração de narrativas e corporalidades que sustentam a investida epistêmica dos povos indígenas na universidade. O projeto parte da articulação entre o MargemLab (PROPUR/CNPq) e o Coletivo de Estudantes da CEI/UFRGS, constituída há mais de um ano, em torno do acompanhamento do projeto de readequação da Casa dos Estudantes Indígenas na UFRGS, e busca ampliar suas ações na perspectiva do fortalecimento da presença dos povos originários no urbano. Entre as atividades já realizadas estão: 1) o início da construção de um Memorial da Luta/Retomada pela Casa do Estudante Indígena da UFRGS, através de uma cartografia sensível das imagens, oralidades e escritos que busca compor uma narrativa da experiência vivida pelos estudantes durante a retomada e processo de instauração da Casa do Estudante Indígena na universidade; 2) as visitas à Retomada Kaingang KONHUN MÁG em Canela/RS em junho, e à Aldeia Guarani Mbya Anhetenguá em Porto Alegre/RS em agosto, a fim de conhecer seus saberes e modos de habitar, promover articulações a partir de suas demandas, e fortalecer a luta pelo território ancestral indígena em trânsito entre o urbano e o rural; 3) os estudos das Casas Ancestrais das etnias Kaingang e Mbyá Guarani, como embasamento conceitual e técnico para a concepção e construção da Casa Ancestral Indígena com os estudantes da CEI, para o exercício do direito ao conhecimento, à educação e ao habitar indígena no campus, e como extensão dos modos de ser das diferentes culturas e identidades da CEI. Entendemos que

esta ação de extensão amplia as práticas de acolhimento de pessoas indígenas na Universidade, qualifica os espaços universitários para práticas ancestrais das diferentes etnias indígenas, fortalece o encontro de saberes entre indígenas e não-indígenas incluindo discentes, docentes e servidores, compreendendo os povos indígenas enquanto produtores de conhecimento.